



Ulysses com os deputados que foram ao EUA: Hélio Duque (esq.), Saulo Queiroz e Pimenta da Veiga (dir.).

Ulysses tenta evitar FMI

Deputados trazem opção que ele manda ao Planalto

O Brasil não deve nem precisar fechar um acordo com o FMI para negociar sua dívida externa e a negociação não pode ser precipitada nem provisória. A conclusão é de um grupo de sete deputados do PMDB e PFL, depois de duas semanas de contatos nos Estados Unidos, e foi transmitida ontem ao presidente da Constituinte, da Câmara e do PMDB, deputado Ulysses Guimarães.

O relato do grupo, que viajou a convite do governo americano, impressionou o deputado Ulysses Guimarães, que pediu a antecipação do encontro dos parlamentares com o ministro da Fazenda, Bresser Pereira. O encontro estava marcado para a próxima quinta-feira, mas Ulysses avaliou que as informações deveriam ser transmitidas com urgência ao ministro por refletirem uma realidade bem mais ampla que os tradicionais contatos com os canais financeiros formais. Os parlamentares estiveram no Congresso americano, nos principais jornais, em universidades e sindicatos de trabalhadores e empresários do país. Os peemedebistas Hélio Duque (PR), Fernando Gasparian (SP), Pimenta da Veiga (MG), Heráclito For-

tes (PI), Irajá Rodrigues (RS) e os pefelistas Humberto Souto (MG) e Saulo Queiroz (MS) retornaram sábado ao Brasil.

A conclusão dos deputados é de que a avaliação da situação brasileira nos Estados Unidos é positiva, e de que lá ninguém acredita que o Brasil vá realmente ter condições de pagar a dívida externa. Por isso mesmo — disseram —, há interesse em negociar e, assim, evitar maio-

res prejuízos dos bancos credores.

De acordo com o deputado Pimenta da Veiga, que falou pelo grupo, já existem duas propostas concretas em estudo nos Estados Unidos. Uma delas, apresentada pelo Partido Democrata, sugere que os bancos centrais dos países credores comprem os débitos dos bancos particulares. Esses débitos seriam

transformados em bônus do Governo brasileiro, com prazo de cinco anos de carência e trinta de pagamento, sem um tostão de juros. Os números da dívida teriam como base o valor de mercado — considerado o deságio de 45 por cento da dívida.

Outra proposta, segundo Pimenta da Veiga, ainda não estaria bem delineada, mas seria uma negociação direta com os bancos, tomando como base o valor de mercado da dívida, com um longo prazo de pagamento e confortável prazo de carência. O Brasil não poderia, no caso, fugir do pagamento dos juros, mas teria condições políticas de negociar as condições desse pagamento, uma vez que "os bancos precisam de solução para o caixa deles e sabem que é melhor perder algum dinheiro do que todo o dinheiro". Pimenta afirmou que cerca de 500 bancos pequenos estariam dispostos a fechar um acordo do gênero com o Brasil.

Convencidos de que o Brasil está em condições de dispensar um acordo com o Fundo Monetário Internacional, os deputados pretendem, depois da conversa com o ministro da Fazenda, fazer um relato da viagem ao presidente Sarney.

Banco gosta é do Chile

Santiago — Para o presidente do Citicorp, o banqueiro norte-americano John Reed, — maior credor do Brasil — a economia chilena é a que "funciona melhor" na América Latina. As opiniões do banqueiro causaram forte reação da oposição chilena, que o acusou de "inconsistente" e de "insensível" diante "do desemprego e da pobreza do povo chileno, ao dar o seu apoio a uma economia que favorece mais ao Citicorp do que ao povo chileno".

Na opinião do banqueiro norte-americano, o México "está passando por um bom momento, embora tenha muita inflação, o Brasil enfrenta problemas temporários e Cuba desapareceu do mercado internacional e normal". As declarações de John Reed foram feitas depois que ele manteve uma entrevista com o general Pinochet no palácio de La Moneda e de uma reunião com empresários e economistas chilenos.